

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE SINONÍMIA

Lisiane Barbosa Martins Godoy da Silva
Luisandro Mendes de Souza¹

Resumo: Este artigo pretende investigar como se dá o ensino de semântica, especificamente o da sinonímia, no ensino fundamental, através da análise dos livros didáticos utilizados por professores de escolas da rede pública de ensino de Porto Alegre (RS). O objetivo é verificar se, quanto ao ensino da sinonímia, há predominância de uma abordagem contextualizada ou descontextualizada do texto. Pretendemos, ainda, propor uma abordagem que privilegie a reflexão sobre os fenômenos da língua materna.

Palavra-chave: Sinonímia; livro didático; ensino.

1 Introdução

A comercialização de livros didáticos tornou-se uma febre nos últimos anos e, devido à sobrecarga de horas de trabalho, cada vez mais professores têm lançado mão do livro didático como suporte para a elaboração (e execução) de suas aulas. Em pesquisa realizada com seis grupos de professores de língua portuguesa, somando 170 indivíduos, de quatro cidades do estado de São Paulo, Maria Helena Neves (1999) já havia verificado que as aulas de gramática se resumiam a uma transmissão de conteúdos expostos no livro didático em uso. Partindo desses princípios, inferimos que a maneira como os conteúdos são abordados nos livros didáticos, aprovados para o uso nas escolas, nada mais é do que o retrato do ensino de tais conteúdos e que, muito provavelmente, retrate a realidade do ensino das salas de aula.

Nosso objetivo neste trabalho é investigar como se dá o ensino de semântica, especificamente o da sinonímia, no ensino fundamental, através da análise dos livros didáticos utilizados por professores de escolas de ensino fundamental da rede pública de ensino de Porto Alegre (RS). O nosso objetivo é verificar se, quanto ao ensino da sinonímia, há predominância de uma abordagem contextualizada ou descontextualizada do texto e investigar se é possível encontrar propostas de ensino que privilegiem a reflexão sobre os fenômenos da língua. Para tanto, organizaremos nosso estudo em três partes: na primeira, buscaremos compreender o conceito de sinonímia, através da pesquisa realizada em diversas gramáticas e obras científicas. Na segunda parte, faremos uma análise crítica dos conteúdos

¹Professor da 8ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

apresentados nos livros didáticos selecionados e, na terceira, discorreremos sobre alternativas para o ensino da sinonímia.

2 O que é sinonímia?

Responder sobre o que é sinonímia não é uma tarefa simples, pelo contrário. Para Ilari e Geraldi (2004), essa pergunta vem intrigando os estudiosos há séculos, pois sua resposta aparentemente simples vem sendo acompanhada de inúmeras ressalvas que acabam por torná-la imprecisa. Galli e Melo (2010), em seu artigo “Reflexões acerca das definições imprecisas de sinonímia”, após realizar uma reflexão teórica sobre as definições de sinonímia apresentadas em alguns meios impressos, também verificaram que há, de modo geral, uma ideia muito superficial da definição de sinonímia.

Nas diversas obras pesquisadas, os autores tratam de dois tipos de sinonímia: a sinonímia lexical, que aborda a relação estabelecida entre palavras (ILARI e GERALDI, 2004) e a sinonímia estrutural, que dá conta da identidade de significação entre frases (paráfrase) (MARGOTTI, 2003). Neste trabalho, nos limitaremos a examinar apenas os conceitos relacionados à sinonímia lexical.

Após nossa rápida investigação nas gramáticas da língua portuguesa e nos livros científicos relacionados à semântica, percebemos que as definições de sinonímia diferem muito quanto a sua abrangência. Enquanto algumas gramáticas abordam o tema de maneira superficial e sucinta, outras exploram bastante as diversas questões a ele relacionadas. Vejamos os conceitos encontrados nas gramáticas tradicionais:

“**Sinonímia.** - É o fato de haver mais de um vocábulo com a mesma ou quase a mesma significação:

casa, lar, morada, residência, mansão.” (BECHARA, 1977, p.345).

“**Sinônimos** são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

brado, grito, clamor / extinguir, apagar, abolir, suprimir / justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial” (CEGALA, 1990, p.275).

Importante ressaltar que, apesar de apresentar uma definição sucinta, Bechara aponta alguns aspectos como contexto, gradações semânticas relacionadas ao sentido, ao valor, à

intensidade de significação, ao aspecto cultural etc. Segundo ele, “um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular) eles assumem sentidos ‘ocasionais’ que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que quebre um pouco o matiz da expressão” (p. 345). Cegala, no entanto, resume sua abordagem ao conceito acima citado, acompanhado da seguinte observação: “Geralmente, não é indiferente usar-se um sinônimo pelo outro” (p.275).

Um exemplo de abordagem mais ampla é a gramática descritiva, Gramática Houaiss, de José Carlos de Azeredo. Nela, o autor apresenta a relação de sinonímia como sendo o resultado da relação de sobreposição de espectros semânticos e afirma que “o que garante a sobrevivência dos sinônimos na língua é justamente a possibilidade de exprimirem conteúdos diferentes, por mais sutil que seja esta diferença” (2008, p.437). Segundo ele, “para o senso comum, chamam-se sinônimas duas ou mais formas da língua que codificam a mesma informação, como os verbos *esconder* e *ocultar* em: *Ele escondia sua verdadeira identidade* e *Ele ocultava sua verdadeira identidade*” (p. 436). Azeredo ressalta ainda que, na opinião dos semanticistas, é inadmissível a existência de sinônimos perfeitos, mesmo que a troca de palavras mantenha a informação inalterada. O autor também garante que a sinonímia deve ser descrita como um fenômeno de variação linguística e a subdivide em quatro subtipos de sinônimos: variantes regionais ou geográficas; variantes estilísticas ou discursivas; variantes psicológicas ou expressivas; variantes etárias ou históricas.

A abordagem feita por Ilari e Geraldi (2004) é ainda bem mais abrangente, pois eles não somente apresentam conceitos, mas também os problematizam. Em sua obra, além de trabalharem com os conceitos de sinonímia lexical e estrutural, os autores refletem acerca da importância dos contextos linguísticos e de outros elementos que, segundo eles, influenciam diretamente na significação das palavras. Algumas das definições de sinonímia abordadas pelos autores são: “uma relação estabelecida entre palavras” e “identidade de significação”. A partir da análise de algumas das ressalvas sobre esses conceitos, os autores fazem considerações importantes para o estudo da sinonímia como, por exemplo, a impossibilidade de se encontrar dois “sinônimos perfeitos”.

No “Manual de Semântica”, de Márcia Cançado (2012), também é possível encontrar referência às ideias de Ilari e Geraldi: “podemos dizer que duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa” (p. 48). Partindo desse princípio, a autora propõe que, em

um primeiro momento, as palavras “menina” e “garota” possam ter o mesmo sentido nas sentenças:

- (2) a. Toda menina sonha virar mulher um dia.
b. Toda garota sonha virar mulher um dia.

Segundo ela, isso se dá porque essas palavras não alteram a verdade ou a falsidade das sentenças. No entanto, nas sentenças a seguir o mesmo não ocorre:

- (3) a. A Maria não se irrita quando a chamam de menina, mas não suporta ser chamada de garota.
b. A Maria não se irrita quando a chamam de garota, mas não suporta ser chamada de menina.

Se trocarmos as palavras menina e garota em (3a), alteraremos os sentidos e as referências das duas sentenças e, conseqüentemente, a verdade ou a falsidade da sentença em (3a) passa a ser diferente da sentença em (3b); portanto, não podemos considerar as palavras menina e garota sinônimas no contexto de (3) (CANÇADO, 2012, p.48).

Em seu Manual, além de afirmar que é impossível pensar em sinonímia de palavras fora do contexto em que elas estão empregadas, Márica Cançado (2012) também faz referência aos sinônimos perfeitos afirmando que, “segundo Cruse (1986), é impossível se falar em sinônimos perfeitos; só faz sentido se falar em sinonímia gradual, ou seja, as palavras, mesmo consideradas sinônimas, sempre sofrem um tipo de especialização de sentido ou de uso” (p.48).

Entretanto, diversamente ao que pensam os especialistas já citados acerca dos chamados “sinônimos perfeitos”, Ullmann (1964) afirma que “seria errôneo negar a possibilidade de completa sinonímia” (p.292), pois, segundo ele, esse tipo de sinônimo pode ser encontrado nas nomenclaturas técnicas:

Estudos recentes sobre a formação de terminologias industriais mostraram que vários sinônimos surgirão por vezes em torno de uma invenção, até que, eventualmente, se separam. Tal sinonímia pode mesmo persistir durante um período indefinido. Em medicina há dois nomes para a inflamação do intestino cego: caecitis e typhlitis; o primeiro vem da palavra latina que significa “cego”, e o segundo da palavra grega. Em fonética, consoantes como s e z são conhecidas como espirantes

ou fricativas e o mesmo escritor pode empregar ambos os termos sinònimamente [...]. Na linguagem vulgar, raramente se pode ser tão positivo acerca de identidade de significado, visto que o assunto é complicado pela imprecisão, pela ambiguidade, pelas tonalidades emotivas e efeitos evocadores; mas, mesmo assim, podem ocasionalmente encontrar-se palavras que são permutáveis para todos os intentos e propósitos [...](ULLMANN, 1964, p.293).

Acerca dessa divergência de ideias, Moura e Rosa (2010) afirmam que:

a absoluta sinonímia vai contra o modo habitual de se considerar a linguagem, portanto poucos estudiosos arriscam-se a defendê-la. Supõe-se que se há duas palavras ou construções diferentes, é porque deve haver alguma diferença no seu significado. E isso é o que corre, de fato, na maioria dos casos: são poucas as palavras completamente sinônimas, capazes de serem permutáveis em qualquer contexto, sem que o significado desejado seja alterado (p. 228).

Os diferentes enfoques dados ao estudo da sinonímia nas gramáticas e nos materiais científicos pesquisados evidenciam o processo indefinido ainda vivido pela semântica que, segundo afirmam Ilari e Geraldi (2004), “é um domínio de investigação de limites movediços (p.6)”. Provavelmente, essas diferenças acabam por influenciar os conceitos de sinonímia apresentados nos livros didáticos utilizados como apoio pelos professores na elaboração de suas aulas. Entretanto, mesmo considerando (e constatando) ser difícil a tarefa de encontrar um conceito de sinonímia que abranja todas as suas facetas, conseguimos encontrar pistas que nos indicam o que vem a ser a sinonímia: é um fenômeno em que o uso de duas ou mais palavras podem designar o mesmo objeto ou o mesmo conceito; é um fenômeno que só ocorre dentro de determinado contexto; é um fenômeno de variação linguística.

3 Análise dos livros didáticos

Para a realização de nossa análise, verificamos livros didáticos de três coleções diferentes, fornecidos por duas escolas da rede pública de Porto Alegre (RS):

- Português – Linguagens – 5º ao 9º anos, de Cereja & Magalhães.
- Ápis: letramento e alfabetização – 3º ano, de Bargeto, Bertin & Marchezi.
- A grande aventura: língua portuguesa – 4º ano, Carvalho & Anson.

Nossa principal expectativa diante dessa tarefa era poder analisar o ensino de sinonímia ao longo dos nove anos do ensino fundamental. Contudo, fomos surpreendidos pelo fato de encontrarmos material para análise apenas nos livros de terceiro e quarto anos. Isso nos causou certo estranhamento tendo em vista o que consta nos PCN's de Língua Portuguesa:

A organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em função do eixo USO→REFLEXÃO→USO pressupõe um tratamento cíclico, pois, de modo geral, os mesmos conteúdos aparecem ao longo de toda a escolaridade, variando apenas o grau de aprofundamento e sistematização. Para garantir esse tratamento cíclico é preciso seqüenciar os conteúdos segundo critérios que possibilitem a continuidade das aprendizagens (p. 36).

Nos livros didáticos direcionados para as turmas do quinto ao nono ano, da coleção “Português Linguagens” de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, por exemplo, não localizamos a introdução ou a retomada do fenômeno da sinonímia. O que chegou mais próximo disso foram os capítulos relacionados à variação linguística, nos volumes voltados para o quinto e o sexto anos, em que os autores abordaram um pouco sobre o estudo da significação de palavras.

Outro ponto que vale ser destacado é que, partindo das pistas encontradas sobre o que vem a ser a sinonímia, pretendíamos encontrar abordagens que contemplassem minimamente o contexto no qual as palavras estão inseridas. Contudo, não foi esse o resultado. Pelo contrário, deparamo-nos com conceitos e atividades que não auxiliam o aluno na reflexão acerca do contexto das situações de uso da língua, pois trabalham as palavras de maneira isolada. Vejamos um exemplo encontrado no livro “A grande aventura: língua portuguesa – 4º ano” de Carvalho & Anson (2011):

“1. Copie as palavras do quadro agrupando as que são sinônimas, isto é, têm significados semelhantes. Se precisar, consulte o dicionário.

sonho / navegadores / navegantes/ ilusão / fantasia / marinheiros” (p.119)

Como podemos constatar, o exemplo acima considerou a noção de sinonímia fora do contexto de uso das palavras e isso, de certa forma, não faz muito sentido.

Uma das ressalvas apontadas por Ilari e Geraldí a respeito dos contextos linguísticos é que

as expressões sinônimas são, ainda assim, expressões entre as quais os locutores escolhem: a escolha é, no caso, uma “procura da palavra exata” (como na pena do escritor que corrige um texto já escrito), a mostrar que as duas expressões não são igualmente adequadas aos fins visados; essa escolha traduz frequentemente a preocupação de evocar ou respeitar um determinado nível de fala, um determinado tipo de interação, ou mesmo um certo jargão profissional [...] (2004, p.47).

Analisando o exercício proposto no livro didático, percebemos o empobrecimento do tema e o engessamento do aluno quanto a sua percepção do que realmente possa ser o fenômeno da sinonímia. Se não há contexto não há possibilidade (ou necessidade) de seleção de palavras. E, ainda, o simples agrupamento dessas palavras não faz com que o aluno reflita sobre os fenômenos da língua materna; não cria espaço para que ele se aproprie da língua a ponto de sentir-se capaz ou encorajado a escolher as palavras que melhor atendam a suas intenções de fala. Obviamente que não pretendemos defender a ideia de que o professor deva sobrecarregar o aluno com informações e conceitos que vão além do que ele, de acordo com sua faixa etária, possa assimilar. Entretanto, acreditamos que é possível introduzir noções da aplicabilidade da sinonímia nas diversas situações de uso da língua desde os primeiros anos da educação básica. Sugerir aos alunos que criem frases curtas utilizando as diferentes palavras do quadro e, depois, pedir para que comparem o sentido de cada uma das sentenças elaboradas, seria uma boa alternativa para o simples agrupamento de palavras.

O segundo exercício do mesmo livro didático, apesar de apresentar palavras distribuídas em frases, aparentemente contextualizadas, ignora completamente o contexto das mesmas. Vejamos:

2. Consulte o dicionário e copie as frases em seu caderno, substituindo as palavras destacadas por sinônimos.

- a) a sereia é um ser **fantástico** de **longos** cabelos de cor **coral** e cauda **esguia**, que se movimenta com graça enquanto nada.
- b) Pedro, o filho do pescador Antônio, via uma sereia **surgir** e **desaparecer** nas ondas do mar.
- c) A sereia cantou uma **canção** de **embalar** sonos e sonhos, o menino **adormeceu** e, ao **acordar aturdido**, viu que estava só (p.119).

Além de não estimular a reflexão acerca da escolha das palavras a serem tomadas como sinônimas em cada frase, o exercício utiliza as frases apenas como pretextos para a mera transcrição de palavras isoladas. Ao consultar um dicionário, o aluno irá se deparar com

inúmeras opções de palavras que poderão ser consideradas semelhantes às palavras destacadas na frase. Entretanto, se ele não levar em conta o contexto no qual essas palavras estão inseridas, também não possuirá critérios para a escolha dos sinônimos a serem utilizados. Analisemos a expressão “fantástico” da frase 2(a): “a sereia é um ser **fantástico** de longos cabelos de cor coral e cauda esguia, que se movimenta com graça enquanto nada”.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, “Míni Houaiss”, “fantástico” equivale, dentre outras opções, a “2extraordinário, prodigioso; 3falso, inventado” (2008, p.339). Se o aluno se limitar apenas a cumprir ao pé da letra o que diz o enunciado do exercício, poderá substituir a palavra destacada por qualquer uma das quatro palavras apresentadas no dicionário. Entretanto, se fosse dada ao aluno a oportunidade de levar em conta o contexto das frases, bem como o dos enunciados “a”, “b” e “c” como um todo, ele poderia perceber o impacto que sua escolha causaria no sentido dos mesmos. A sentença “b” diz que “Pedro, o filho do pescador Antônio, via uma sereia surgir e desaparecer nas ondas do mar”. Mesmo que essa visão pudesse não passar de uma ilusão, o fato de o menino adormecer e, ao acordar aturdido, ver que estava só, sugere a dúvida sobre se realmente “a sereia [apareceu e] cantou uma canção de embalar sonos e sonhos”. Neste caso, se a palavra “fantástico” fosse substituída pelas expressões “falso, inventado”, não haveria mais a dúvida e sim a certeza de que a visão do menino não passara de uma ilusão. Logo, para manter a ideia de mistério contida no texto, o ideal seria desconsiderar o uso de tais expressões. De qualquer forma, independentemente da escolha do aluno, o mais importante é o desenvolvimento da noção de que a seleção atenta de palavras faz toda a diferença para a construção do sentido daquilo que queremos comunicar.

A abordagem de sinonímia no livro didático “Ápis: letramento e alfabetização – 3º ano”, de Bargoto, Bertin & Marchezi (2012), mostrou-se, a princípio, um pouco mais animadora. Nela, os autores contemplam o contexto linguístico, em um dos exercícios, ao sugerir que o aluno reescreva os versos de um poema substituindo a palavra “estufa” pelo significado mais adequado entre os sugeridos pelo dicionário:

1. Releia os versos e desenhe no quadro da próxima página o que você entendeu:

Eu sou tão bonito!
Minha mãe garante.
Meu peito se **estufa**,
Pareço um gigante!

2. Leia os significados de estufar encontrados no dicionário:

Es.tu.far 1. Aquecer em estufa. 2. Cozinhar em fogo lento. 3. Aumentar de tamanho, aumentar de volume.

Aurélio Buarque. Minidicionário Aurélio da língua portuguesa.
Curitiba: Positivo, 2008. Adaptado.

3. Reescreva os versos da atividade 1 substituindo a palavra **estufa** pelo significado mais adequado entre os que você leu.

(p.40)

No entanto, no momento de apresentar o conceito propriamente dito, os autores também utilizam o texto como pretexto e apresentam uma definição equivocada de sinonímia:

Leia e compare:

a) A chuva, tão forte,
O raio, o trovão,
O vento uivando:
Me sinto um anão.

b) **tempestade**: chuva forte,
acompanhada de ventos,
trovões, relâmpagos, raios.

Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Infantil ilustrado
da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

No poema foram usadas algumas palavras que têm o **mesmo significado** de tempestade → são palavras **sinônimas**.

(p.41)

Nesse último exercício, os autores não contemplam o contexto do poema e, ousamos dizer, apresentam certa lacuna no que diz respeito à interpretação dos textos abordados. Pelo que nos parece, o texto “b” pode ser interpretado da seguinte maneira: tempestade é uma chuva forte que vem acompanhada de ventos, de trovões, de relâmpagos e de raios. Neste caso, não podemos julgar que essas palavras tenham o mesmo significado de “tempestade” isoladamente (ao que parecem sugerir os autores). Podemos, sim, considerar que o conjunto de tais palavras associado à “chuva forte”, dá a ideia de tempestade, da mesma maneira em que ocorre no texto “a”.

Ana Maria Dal Zoot Mokva, ao investigar o ensino de semântica em livros didáticos do ensino fundamental, utilizados em escolas da região do Alto Uruguai (RS), em 2009, já havia detectado que o estudo de semântica resumia-se ao estudo superficial e descontextualizado da sinonímia. Levando em conta que os livros por ela analisados tinham

como data mais recente a do ano de 2000, podemos afirmar, através de nossa breve pesquisa, que as abordagens referentes ao ensino da sinonímia não evoluíram muito desde então.

4 Alternativas para o ensino da sinonímia

4.1 Repensando o ensino

Segundo Ilari (2001), uma das características que empobrecem o ensino da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação, comparado ao tempo que se gasta com o ensino de outros conteúdos gramaticais. Para ele,

esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos (p.11).

De acordo com os “PCN’s da língua portuguesa”, espera-se que o aluno seja capaz de, dentre outras práticas, desenvolver sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos de textos, ou seja, o aluno deve ser capaz de interpretar um texto e não apenas decodificá-lo. No entanto, quando a sinonímia é trabalhada de maneira isolada e descontextualizada o aluno passa a ter dificuldades de interpretação textual, pois não aprende a refletir sobre os fenômenos da sua própria língua materna. Segundo afirma Renata Medeiros de Lima (2010), ao refletir sobre o estudo de sinônimos de maneira isolada, “[...] a língua é um processo dinâmico, no qual a escolha dos signos pelo falante/autor em dada situação enunciativa está repleta de carga ideológica, de pressupostos e subentendidos, os quais não são estudados no processo de ensino/aprendizagem, dificultando a compreensão dos textos por parte dos educandos” (p.21). Ou seja, o pouco espaço dado ao estudo dos temas relacionados à semântica e, conseqüentemente ao da sinonímia, somado às abordagens prescritivas e descontextualizadas, propostas nos livros didáticos, desfavorecem o desenvolvimento do aluno leitor /escritor.

Além do mais, o bom domínio da sinonímia poderá ajudar o aluno a explorar, mais adiante, as possibilidades de paráfrase baseadas no conhecimento do léxico. Ou seja, o aluno poderá recorrer a termos sinônimos como recurso para formular paráfrases e resumir textos, como sugere Ilari em seu livro “Introdução à semântica - brincando com a gramática”.

Em vista disso, tomamos como desafio a busca por materiais que ofereçam uma

abordagem um pouco mais reflexiva sobre ensino da sinonímia, voltados para os alunos do ensino fundamental. Em nossa breve pesquisa, verificamos que, tanto em relação ao conceito quanto a atividades relacionadas a esse tema, quase não há material disponível que possa ser utilizado como apoio pelos professores na elaboração de suas aulas. Segundo Ferrarezi (2008), apesar de o Brasil ter sido contemplado recentemente (e apenas recentemente) com algum material bibliográfico que versa sobre o ensino de semântica na escola básica, o material ainda é escasso e pouco difundido entre os professores. Como exemplo dessas poucas obras, Ferrarezi destaca os livros de “Introdução à semântica: brincando com a gramática” e “Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras”, de Rodolfo Ilari, e apresenta o seu próprio livro “Semântica para a Educação Básica”, como alternativa para o estudo da semântica na escola básica. A seguir apresentaremos algumas dessas abordagens.

4.2 Exemplos de abordagens

Celso Ferrarezi Júnior, em sua obra “Semântica para a Educação Básica”, apresenta uma definição de sinonímia que vale a pena ser levada em conta na hora de abordar esse tema em sala de aula:

Nenhuma língua utiliza duas palavras ou expressões para dizer a mesmíssima coisa. Isso seria desperdício e implicaria a existência de palavras e expressões com sentidos iguais, que teriam sempre o mesmo sentido em qualquer contexto e em qualquer cenário. Mas isso não existe. Por menor que seja a mudança. Ela sempre ocorre quando trocamos uma palavra ou expressão por outra.

Entretanto, as línguas naturais possuem algumas palavras que, em certos contextos e em certos cenários, podem ser substituídas uma pela outra sem muito prejuízo no sentido desejado. Essas palavras que têm sentidos semelhantes em algumas situações são chamadas de sinônimas (2008, p. 157).

Enquanto os autores dos livros didáticos analisados atestam que as palavras que têm significados semelhantes são sinônimas e resumem sua abordagem nessa afirmação truncada, Ferrarezi propõe uma breve reflexão sobre esse fenômeno da língua, atestando, por fim, que as “palavras semelhantes”, na verdade, são semelhantes em algumas situações e que são nessas situações que elas são chamadas de sinônimas. Em seu livro, o autor ainda sugere alguns exercícios que privilegiam a substituição da palavra em seu uso efetivo, ou seja, dentro de seu contexto. Vejamos um exemplo:

É comum ver, em livros didáticos, listas de palavras que são dadas isoladas como sinônimas. A lista abaixo é um exemplo disso. Peça aos alunos que formulem frases em que essas palavras funcionem como sinônimas, ou seja, frases que permitam e outras que não permitam que as duas palavras possam ser usadas, uma no lugar da outra, sem problemas.

Dar/ oferecer
Cão/ cachorro
Branco/ alvo
Feliz/ contente
Triste/ chateado
Difícil/ complicado
Firme / sólido
Belo / bonito (p. 160)

No livro “Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras”, Rodolfo Ilari oferece uma abordagem que tem por objetivo fazer um alerta para os fatores que afetam a escolha entre palavras de sentido próximo. Em seu trabalho, ele apresenta o seguinte conceito:

Os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados (2005, p.169).

Em seguida, o autor apresenta alguns dos fatores que devem ser obedecidos na escolha entre dois ou mais sinônimos: A fidelidade às características regionais da fala; A preocupação de ressaltar diferenças de sentido, que podem assumir grande importância num discurso mais técnico; A preocupação de ressaltar diferenças entre os objetos de que se fala; O grau de formalismo da fala; A preocupação em destacar, no objeto descrito, certos aspectos de forma ou função.

Um ponto interessante do trabalho de Ilari é que, mesmo defendendo a inexistência da sinonímia perfeita, ele abre espaço para que o aluno investigue sobre esse fenômeno, através de um exercício que o estimula a recorrer a um profissional da área científica para verificar se, na sua prática, as fórmulas científicas e as palavras da língua portuguesa são realmente sinônimas. Vejamos:

Segundo uma opinião antiga, mas discutível, os únicos casos de sinonímia “perfeita” acontecem nos textos científicos. Assim, para um químico, água e H₂O seriam expressões equivalentes. Procure descobrir o nome que se dá, em língua portuguesa,

às substâncias cujos nomes e fórmulas químicas são dados abaixo:

- | | |
|---|--|
| - Cloreto de sódio NaCl | [Água, sal de cozinha, ácido muriático. |
| - Sulfato de cobre | ferrugem, soda cáustica, diamante/grafita. |
| - Carbono C | calda bordalesa, vitamina C, aspirina] |
| - Óxido de ferro Fe ₂ O ₃ | |
| - Ácido clorídrico HCl | |
| - Hidróxido de sódio | |
| - Ácido acetilsalicílico C ₉ H ₈ O ₄ | |
| - Óxido de dihidrogênio H ₂ O | |
| - Ácido ascórbico C ₆ H ₈ O ₄ | |

Recorra a um químico para saber se, na prática dele, as fórmulas e as palavras da língua são realmente sinônimas.

Como vimos nos exemplos acima citados, é possível encontrar material, ainda que pouco, que nos auxilie na reelaboração de conceitos equivocados e há muito cristalizados nos livros didáticos.

Diante do desafio do ensino da sinonímia, é importante que os professores busquem alternativas, pesquisem novas literaturas e, acima de tudo, reflitam sobre os conceitos e exercícios apresentados nos livros didáticos. Se os autores dos livros didáticos têm realmente a intenção de trabalhar as palavras sinônimas de maneira isolada e descontextualizada do texto, privilegiando exclusivamente o repertório lexical dos alunos, que pelo menos assumam esse posicionamento e apresentem conceitos e atividades coerentes com tal objetivo, em vez de utilizarem o texto apenas como pretexto.

4.3 Sugestões de atividades

A seguir, apresentaremos duas sugestões de atividades relacionadas ao ensino da sinonímia, que adaptamos de exercícios voltados para outros temas gramaticais. Nosso objetivo é contribuir com sugestões que privilegiem uma abordagem reflexiva e contextualizada da sinonímia.

Essas atividades são apenas sugestões e poderão ser adaptadas às necessidades e interesse de diversos grupos de alunos. O professor de língua portuguesa também poderá trabalhar em conjunto com outros professores, utilizando textos da literatura ou de outras disciplinas para propor as análises sugeridas. No caso da atividade 2, “o boliche dos sinônimos”, os alunos poderão confeccionar o material do jogo durante a aula de artes e, ainda, serem conscientizados sobre a importância da reciclagem do lixo e do cuidado com o

meio ambiente.

4.2.1 Atividade 1

Nessa atividade, utilizamos como base a proposta de prática de produção de textos de Geraldi (2006), apresentada no livro “O texto na sala de aula”. Nossa proposta é uma adaptação da sugestão de aula para a prática de análise de problemas de ordem morfológica nos textos de alunos da quinta série (atual sexto ano).

Material necessário: caderno de redações; um caderno para anotações; dicionários e gramáticas.

O professor propõe que os alunos escrevam, em duplas, uma narrativa curta cuja temática seja “histórias familiares”. Posteriormente, as duplas trocarão as redações entre si e o professor irá conduzi-las na interpretação dos textos, assinalando para o grande grupo questões gerais de interpretação e chamando a atenção para a importância de localizarem as palavras chaves dos textos. Após a leitura, os alunos selecionarão algumas das palavras que julgam importantes para o sentido que os autores quiseram dar ao texto e irão substituí-las por outras. A ideia é que eles utilizem materiais de consulta para selecionar as palavras como dicionários e gramáticas. Cada dupla reescreverá o texto duas vezes: na primeira, elas reescreverão o texto utilizando palavras semelhantes que não alterem o sentido do texto. Na segunda reescritura, as duplas deverão reescrever o texto escolhendo palavras semelhantes que alterem, de alguma maneira, o sentido do texto. O professor poderá eleger algumas das redações para serem lidas no grande grupo. Após a leitura das três versões de cada texto escolhido, o professor conversará com a turma sobre as escolhas de palavras e os resultados obtidos pelos autores.

4.2.2 Atividade 2: O boliche dos sinônimos

Organização da turma:

– Os alunos deverão ser organizados em 5 grupos.

Objetivos:

– Fazer com que os alunos compreendam as características das palavras sinônimas e sua

importância na língua que falamos.

- Levar os alunos a refletir sobre o sentido das palavras dentro do seu contexto.
- Trabalhar a interpretação textual.
- Estimular a tomada de decisões coletivas e a solução de conflitos.

Material:

- Vinte garrafas pet.
- Uma bola de tamanho médio.
- 20 cartões coloridos pequenos.
- Caneta hidrocor.
- Fita adesiva
- Lista de 20 palavras previamente selecionadas.
- Quadro negro e giz.

Regras:

O jogo conterà quatro frases com duas palavras em destaque e cinco pinos contendo uma palavra. Cada grupo terá três chances de arremesso para derrubar os pinos. O grupo que não conseguir derrubar nenhum pino durante as três tentativas deverá passar a vez para o próximo grupo. Todas as palavras contidas nos pinos derrubados deverão ser analisadas pelo grupo, que justificará a substituição ou a não substituição de cada uma delas. Cada grupo terá dois minutos para realizar a análise. O grupo que tiver analisado o maior número de palavras será o vencedor.

Desenvolvimento:

Cada grupo elege um participante para sortear a ordem no jogo e para realizar a jogada em seu nome. Em seguida o professor escreve no quadro-negro a frase a ser analisada pelos alunos e dispõe os pinos que contém as palavras referentes a ela. O representante do grupo arremessa a bola em direção aos pinos e leva até o grupo os que conseguir derrubar. O grupo analisa conjuntamente a frase e as palavras, verificando qual delas pode ser substituída sem prejudicar o sentido da sentença e, em seguida, compartilha com a turma o resultado da análise. O professor e os demais grupos podem contribuir com outras possibilidades de interpretação e de utilização das palavras analisadas.

5 Considerações finais

Após analisarmos dois livros didáticos utilizados por professores de escolas de ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre (RS), verificamos que, quanto ao ensino da sinonímia, há sim a predominância de uma abordagem prescritiva e descontextualizada do texto. Percebemos, ainda, que os fenômenos da sinonímia são pouco recorrentes ao longo dos anos do ensino fundamental, o que é lamentável, pois priva o aluno da oportunidade de refletir sobre os diversos usos da língua através da seleção de palavras e expressões que melhor se ajustem às situações de fala que se apresentam em seu cotidiano. Verificamos também que, apesar de não haver muito material disponível que possa ser utilizado como alternativa ao livro didático, é possível encontrar propostas de ensino de sinonímia que privilegiem a reflexão sobre os fenômenos da língua. Sabemos do valor inestimável da sinonímia para qualquer escritor, visto que presta para uma infinidade de empregos (ULMMANN, 1964) e temos a consciência de que não esgotamos as análises acerca desse fenômeno da nossa língua materna. No entanto, acreditamos que, através dessa breve reflexão, demos o primeiro passo para que, futuramente, possamos ampliar nossa pesquisa ao estudo do ensino da sinonímia estrutural e a outros temas relacionados ao ensino da semântica, buscando perguntas e respostas que auxiliem professores e alunos no processo de apropriação da língua materna.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARGOTTO, Ana Trinconi. BERTIN, Terezinha & MARCHEZI, Vera. **Ápis: letramento e alfabetização – 3º ano**. São Paulo: Ática, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Regina & ANSON, Vera Regina. **A grande aventura: língua portuguesa – 4º ano**. São Paulo: FTD, 2011.

CEGALA, Domingos Paschoal. **MiniGramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora

Nacional, 1990.

FERRAREZI JR., Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.

GALLI, Cassiano Ricardo & MELO, Thiago Benitez de. **Reflexões acerca das definições imprecisas de sinonímia**. Disponível em: <<http://www.foz.unioeste.br/~eventos/anaisvsepecel/textos/Artigo%20Thiago.pdf>>. Acesso em 02/10/2014.

GERALDI, João Wanderlei (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica** – brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Introdução ao estudo do léxico Semântica** – brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2005.

LIMA, Renata Medeiros de. **Repensando o fenômeno da sino-antonímia 1 para o ensino de língua materna**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 06 n.13 – 2º semestre de 2010.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Sinonímia e paráfrase: algumas considerações a partir de dados do atlas linguístico-etnográfico da região sul- ALERS**. Linguagem em(Dis)curso, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 27-46, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0302/030202.pdf>>. Acesso em 10/01/2015.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MOKVA, Ana Maria Dal Zott. **Um olhar crítico ao ensino de semântica em livros didáticos**.

Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/008.htm>>. Acesso em 05/09/2014.

NEVES, Maria Helena M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5ª Ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1964.